

A EXPERIENCIA DA PRECARIZAÇÃO DOS METALÚRGICOS DE SÃO BERNARDO. Francisco Souza da Silva, Giovanni Antônio Pinto Alves – Sociologia - Ciências Sociais – Departamento de Sociologia e Antropologia – Faculdade de Filosofia e Ciências – Campus de Marília.

O contexto sócio-histórico em que se desenvolve o processo de precarização da força de trabalho metalúrgica no Brasil, tem início na década de 80, com a adesão a proposta neoliberal cuja ideologia é contrária ao Estado intervencionista e protecionista, com defesa a subordinação à economia de mercado.

Porém é a partir da década de 90 que o país vai inserir-se de forma efetiva e radical na mundialização do capital. A desregulação do mercado financeiro, do mercado de trabalho e a abertura comercial foram medidas adotadas na consolidação desse processo. Mesmo com o controle da inflação através da implantação do Plano Real, em 1994, o Brasil continuou apresentando a pior distribuição de renda entre os países industrializados, o processo iniciado no fim dos anos 80 tendeu a concentrar ainda mais a riqueza social e a tornar o mundo do trabalho mais precário.

Segundo dados do IBGE, no final dos anos 90 a distância salarial entre os 10% mais ricos e os 40% mais pobres cresceu de forma exorbitante, a diferença entre o pico e a base da pirâmide de rendimentos chegou à aproximadamente dezessete salários mínimos (no início do período citado era de dez salários).

A degradação do mundo do trabalho tornou-se perceptível, a sensação de perda contínua no emprego, salário e condições de trabalho atingiu contingentes massivos da população economicamente ativa, mesmo nos breves momentos em que a economia apontava sinais de recuperação. O neoliberalismo vai se intensificar a partir do governo FHC, um novo e complexo processo de reestruturação produtiva altera a dinâmica da sociabilidade do trabalho, degradando-a tanto no plano objetivo, ou seja, no tocante à materialidade da organização do processo de trabalho, quanto no plano subjetivo, inscrevendo marcas na vida destes trabalhadores.

Segundo Nadya Araújo Guimarães, o que se convencionou chamar de reestruturação produtiva foi um cardápio de mudanças sociais que afetavam os 'chãos de fábrica', alterando a forma tecnológica e organizacional de produzir, as estratégias de gerenciar as relações de trabalho e de negociar o consentimento em face dos novos padrões de produção, e atingindo o próprio perfil socioeconômico dos trabalhadores.

Está implícito, neste processo características de precarização que vão além do espaço organizacional do ambiente de trabalho, a incessante busca de metas de qualidade e produtividade vai desencadear um processo de flexibilização e enxugamento no modelo de produção. Implanta-se medidas de exteriorização de procedimentos produtivos, encolhimento do quadro efetivo de funcionários, terceirização de setores, mudanças no plano dos direitos e na forma de contratação, além de alterações na gestão dos locais de trabalho e da própria perspectivas de carreira e inserção no mercado de trabalho.

Este é o objetivo desta pesquisa, investigar como essas estratégias de reestruturação influenciaram no cotidiano dos trabalhadores metalúrgicos do município de São Bernardo do Campo.

Localizada na região do ABC paulista, pólo de grande significância para a indústria automobilística brasileira, desde a década de 50 (especificamente no governo Juscelino Kubitschek ocorre a expansão da industrialização no Brasil, mas em destaque para esta região com a instalação da primeira fábrica da Volkswagen). É também no ABC que ocorre a formação de um operariado regionalizado, politicamente forte que constitui uma identidade própria tornando-se um movimento com condições de defender-se contra a inflação, e inclusive a ponto de contestar e solapar a ditadura militar, posteriormente propondo um partido político e criando uma liderança carismática.

Antes dos anos 90, trabalhar nas indústrias automobilísticas de São Bernardo era sinônimo de operariado com bom padrão de vida, em sua maioria possuíam casa própria, carro, filhos estudando, emprego estável com plano de carreira, mas este quadro mudou.

Em janeiro de 1990, os operários das montadoras da região perfaziam um total de 57.939, em julho de 2000 diminuíram para 33.877, os primeiros reflexos do processo de reestruturação produtiva implantado durante esta década (dados do DIEESE/Subseção ABC, 2000). Segundo Adalberto M. Cardoso em pesquisa publicada em maio de 1997, na revista Contemporaneidade e Educação, de todo

o contingente de pessoas que perderam o emprego neste período, só metade conseguiu retornar ao mercado de trabalho formal, destes 5% foram para o comércio, 10% para a área de serviço e 17% retornaram a indústria automobilística e 18% se recolocaram em postos de trabalho do setor metalúrgico. A outra metade ou estão desempregados ou ainda caíram na informalidade.

Diante deste contexto, num primeiro momento, buscamos tratar daqueles poucos trabalhadores que conseguiram sobreviver aos ajustes, permanecendo empregados nos ambientes produtivos reestruturados (saber quem eram eles, quais os seus atributos e em que condições se mantinham incluídos), e num segundo momento, apreender o que se passava com os que eram desligados no curso desse processo tão seletivo, verificar qual o destino destes trabalhadores.

Apreender além das determinações estruturais, de conjuntura, o processo sócio-cultural de “construção” do imaginário da exclusão, e suas implicações na subjetividade da força de trabalho. Sendo assim, a apreensão desta experiência, objetiva e subjetiva, vivida e percebida, de “desconstrução” e de “construção” do trabalhador.

Utilizamos o conceito de experiência de E.P. Thompson que trata da construção da classe operária, mas no sentido de compreender a “desconstrução” dessa classe enquanto coletivo do salarido. Este conceito desdobrado em experiência vivida e experiência percebida, a primeira tem sua origem nas regularidades que ocorrem no interior do ser social, resultante de causas materiais que acontecem de forma independente da consciência ou da intencionalidade. A experiência percebida promove as mudanças que vão originar uma experiência transformada, sendo processo de formação de identidades de gênero, etnia e classe.

Para esta análise utilizamos uma metodologia de investigação social que é composta de indicadores quantitativos e qualitativos. Como técnicas quantitativas utilizamos as bases de dados sócio-estatísticas do Ministério do Trabalho e Emprego (RAIS-MIGRA/TEM/CAGED) e indicadores do IBGE/DIESSE/SEADE, além de documentos oficiais do sindicato da categoria. Como técnicas qualitativas, questionários, entrevistas e o resgate da memória através da história oral.

Esta proposta metodológica baseada em um referencial teórico-analítico elaborado na primeira fase deste projeto que conta com um levantamento amplo da literatura nacional e internacional sobre o tema da precariedade e precarização da força de trabalho, delimitado no período de 1995 a 2005 (em andamento), possibilita apreender as tendências objetivas de trajetórias ocupacionais e nos aspectos gerais da vida destes trabalhadores, isto é, as consequências pessoais geradas pelas transformações impostas pelo trabalho precarizado. Observar suas manifestações culturais, e procurar perceber a existência de implicações políticas, bem como de resistência à nova ordem e os conflitos vivenciados na tentativa da re-inserção na divisão social do trabalho.

O que nos propomos é sugerir uma sociologia da precarização que analisa não apenas as mudanças nas empresas, mas estuda as trajetórias dos trabalhadores, resgatando uma história de memória e de presente contingencial dos “atores sociais” desta precarização.

Referências Bibliográficas

ANTUNES, Ricardo. *Os Sentidos do Trabalho: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*, São Paulo, Boitempo Editorial, 1999.

CARDOSO, Adalberto M. *Trabalhar, verbo transitivo: destinos profissionais dos deserdados da indústria automobilística*, Rio de Janeiro, Editora FGV, 2000.

GUIMARÃES, Nadya Araújo. *Caminhos Cruzados – Estratégias de empresas e trajetórias de trabalhadores*, São Paulo, Editora 34, 2004.

SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter – consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*, Rio de Janeiro, Editora Record, 1999.

THOMPSON, Edward Palmer. *A Formação da Classe Operária Inglesa*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

Bolsa: PET – MEC/SESu.